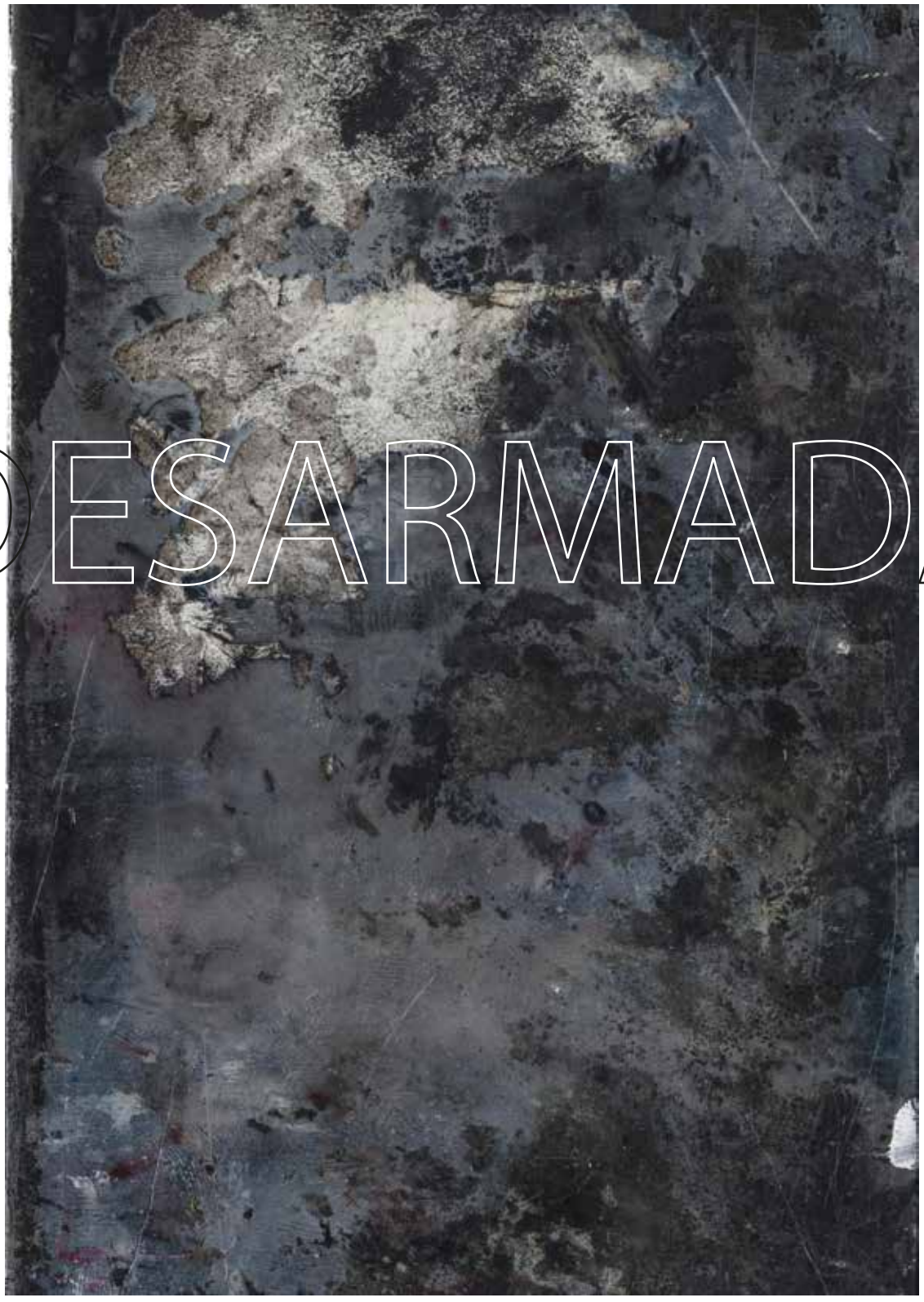
DESARMADA



ano 1.nº 2.Julho 2019

EDITORIAL

Por Nuno Nabais

Ainda não é este o formato definitivo da nossa revista. Percebemos que tem demasiado texto. Enquanto no número 1 procurámos que cada página tivesse apenas uma frase, para este número 2 ultrapassámos todas as proporções entre o sensível e o inteligível. Há textos que se estendem por mais de uma dezena de páginas. Ninguém hoje é capaz de se demorar mais do que 20 segundos diante de uma mesma imagem de visor. Como propor então uma matéria que obriga a uma foca-gem da atenção por vários minutos? É verdade que o trabalho gráfico do Felipe Raizer consegue transformar essa exuberância de coisas para ler numa experiência de visão polifónica, quase um bailado para os sentidos. Mesmo assim, sabemos que poucos leitores deste número 2 de Desarmada chegarão à última frase de cada artigo.

Fica então a promessa de que o número 3 será todo em Hipertexto. Tudo o que houver para ler estará anunciado por links. A nossa tarefa será a de descrever com rigor, em cada página da revista, aquilo que prometemos para quem quiser seguir o texto que se segue ao texto de apre-sentação do texto.

Mas, nem tudo está errado neste número 2.

Conseguimos várias coisas.

Somos exaustivos na apresentação de cada exposição de artes plásticas.

Damos destaque aos principais con-certos de Julho, em particular à festa Cubana de dia 20.

Temos a primeira de muitas "biografias autorizadas", neste caso de Victor Zamora, pianista.

Uma longa entrevista com Raoni Assis, artista plástico que expõe nas Salas Arendt e Rilke até ao final de Julho.

Entrevista com três representantes dos Índios Huni Kuin que vieram à Fábrica apresentar o seu combate contra a deflorestação da Amazónia.

Recensão do último livro de António Manuel Hespanha, um dos grandes historiadores do direito em Portugal, falecido no início deste mês.

Breve história da Editora/Livraria Ulmeiro a propósito da exposição dedicada aos 50 anos da sua fundação que estará presente na Fábrica até ao final de Julho.

Reflexão metafísica sobre a pintura de Carlos Rocha Pinto, a partir das telas que ele apresentou na Fábrica.

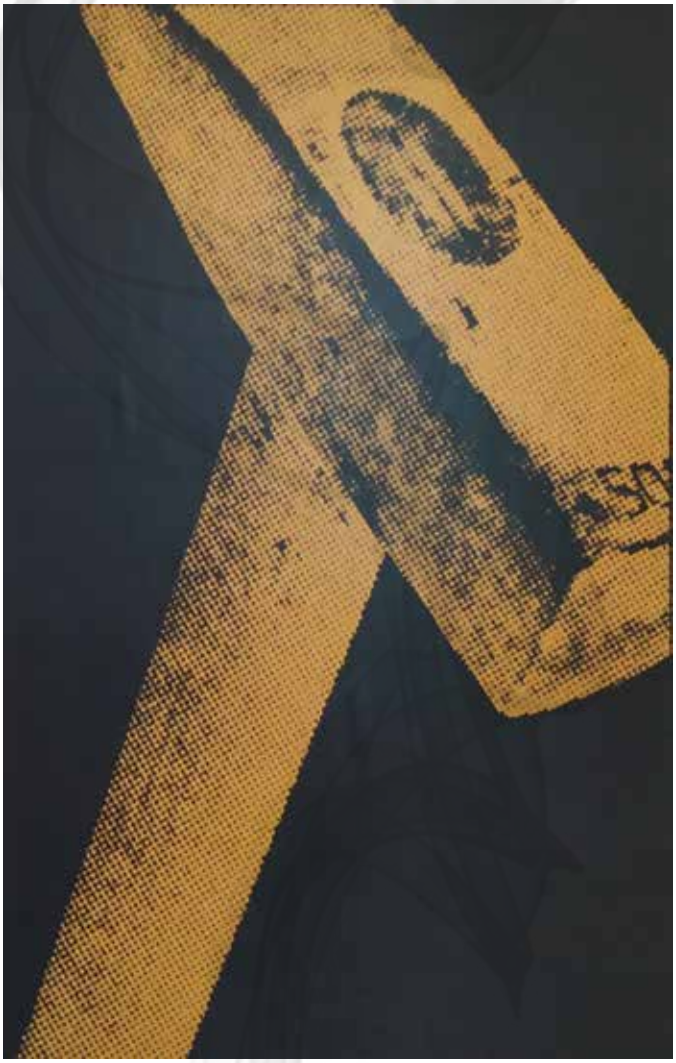
Apresentação do nosso Projecto Educativo para as crianças em regime de ensino doméstico.

Balanço das candidaturas (150) à primeira Bienal de Artes Plásticas da Fábrica, que se realizará em Novembro.

50 anos
de intervenção cultural pela Ulmeiro

Por Daniel Melo

A Ulmeiro, livraria e distribuidora, surgiu em 1969 para integrar a resistência frentista à ditadura. Foi idealizada pelo jovem mas já experiente José Antunes Ribeiro e estendeu-se à edição logo em Janeiro de 1970, com Isto anda tudo ligado, de Eduardo Guerra Carneiro, início da icónica colecção Cadernos Peninsulares, depois transferida para a Assírio & Alvim, junto com todas as distribuições da Ulmeiro.



Espaço emblemático no intercâmbio de livros e ideias alternativas, revelou novos escritores latino-americanos, teóricos revolucionários diversos, poetas de correntes inovadoras (da beat generation, do grupo Árvore, da poesia experimental, etc.) e muitos autores portugueses de várias áreas, dos clássicos aos novíssimos, do cancioneiro à filosofia, além duma mão cheia de talentosos ilustradores e caricaturistas (João Carlos Albernaz, António Pimentel, Vasco, etc.)

Surgida em pleno marcelismo, apoiou uma constelação de cooperativas, livrarias, editoras e grupos político-culturais que afrontou a ditadura e o colonialismo portugueses e se alimentou de imaginários da resistência e da contracultura.

Distribuiu o jornal Crítica (1971/2), duma nova geração universitária donde irromperam Eduarda Dionísio, Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, os dois últimos também promotores da col.º Teatro Ulmeiro. Na viragem dos anos 1970 para os 1980 lançou um periódico ligado à democratização da habitação/urbanismo e ao movimento de moradores, Cidade-Campo.

Preocupou-se com a edição de qualidade, que temia ameaçada já nessa época (daí o título da revista Sobreviver), juntando-se a correntes das novas temáticas sociais (ecologia, feminismo, naturismo, antimilitarismo, etc.). Lançou também uma revista de cooperação lusófona, a Três continentes, homenageando a internacionalista Tricontinental (ed. por Émile Copferman na icónica Maspero) e procurando colocar na agenda temas então olvidados, como a autodeterminação do povo de Timor-Leste, a quem dedicou um dos seus números.

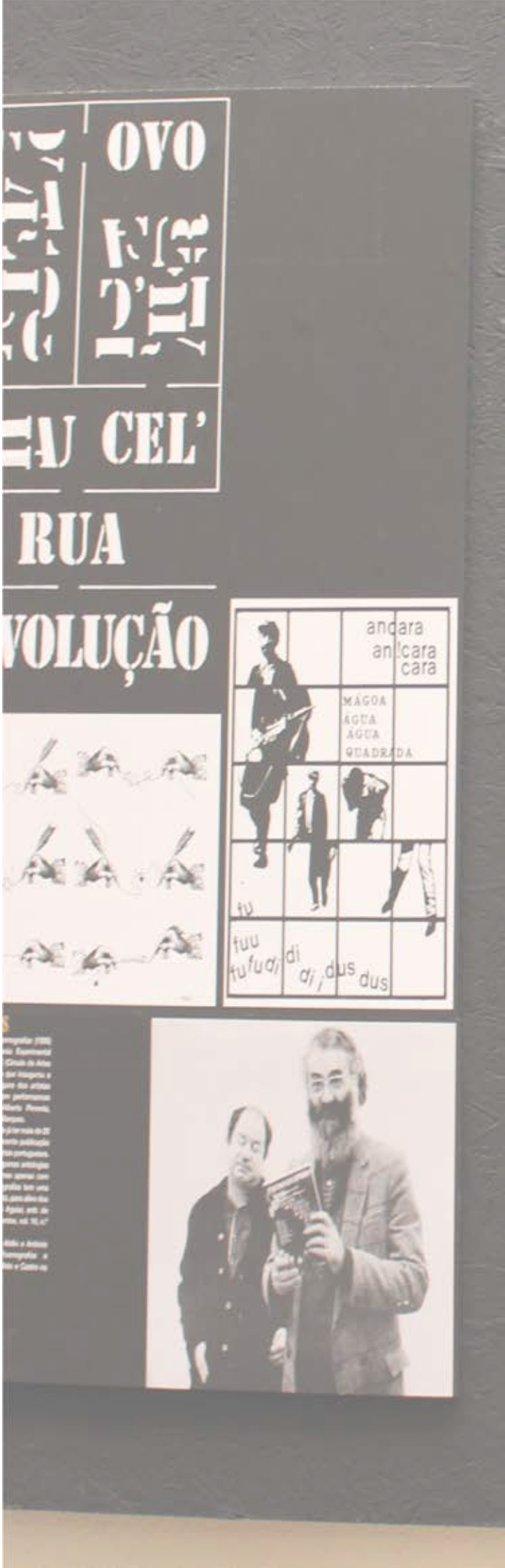




Acolheu múltiplas tertúlias, a começar pelos serões musicais de cantautores e compositores da resistência como Zeca Afonso, Carlos Paredes, Vitorino e Francisco Fanhais. Nos anos 1970/80 promoveu a poesia do galego Manuel María e de Ferlinghetti, este o livreiro-editor-poeta da beat generation, e os cantos do anarquista francês Léo Ferré. Juntou-lhe sessões com Agostinho da Silva e as recitações por Mário Viegas. Teve a marca duradoura de José Antunes Ribeiro, engagée com a esquerda progressista (internacionalista e revolucionária durante parte desta aventura editorial) e sua produção de ensaio político progressista. Este livreiro-editor-poeta inquieto e inconformista ajudou a renovar a edição literária, sobretudo quanto à novela, à poesia, ao teatro, à recuperação de 'clássicos' e aos estudos literários, salientando de par a escrita feminina, com Hélia Correia, Lídia Martinez, Maria Ondina Braga, Noémia Seixas (surrealista pioneira), Wanda Ramos e outras.

A Ulmeiro, que se transformou em Espaço Ulmeiro Associação Cultural para prosseguir actividade, faz 50 anos em 2019, momento oportuno para revisitar uma experiência colectiva sui generis que divulgou muitas ideias e obras de criadores da cultura portuguesa e universal.

Para o efeito concebeu-se a mostra documental «Isto anda tudo ligado»: Ulmeiro 50 anos de intervenção cultural 1969-2019, que tem o apoio da Fábrica Braço de Prata, em cujas salas Marguerite Duras e Eduardo Prado Coelho está patente ao público entre 4 de Maio e final de Julho (no final do ano será transferida para o Palácio Baldaya, em Benfica, bairro onde se localiza a Ulmeiro). Foi produzida por Daniel Melo (historiador) e por Pedro Piedade Marques (editor da Montag e designer), com o grosso dos materiais provindo do espólio de José Ribeiro, mas também de diversos espólios particulares e institucionais, de Portugal, Espanha e Brasil. Foi totalmente financiada por muitos pequenos mecenas.





Como complemento, está a ser dinamizada uma série de iniciativas culturais que têm a Ulmeiro como ponto de partida:

Lançamentos de livros (a começar com Traga uma orelha de Pedro Sanches, de Jacinto Rego de Almeida, já apresentado, em parceria com Edições Fénix), de cartazes e da revista O Voo da Coruja;

Feira do livro na Livraria da Fábrica de Braço de Prata (até Julho);

Declamação de Santo António aos peixes, do Pe. António Vieira, dito por Eduardo Bento (a 18 de Maio);

Tertúlias dedicadas à edição independente (11 de Maio), ao policial (com Modesto Navarro e Jacinto Rego de Almeida) e a Agostinho da Silva, estas últimas em data próxima;

Exibição de documentários sobre a Livrarte/Ulmeiro e François Maspero (influente livreiro-editor alternativo francês), em sessões até Julho, todas as 4.ª e sábados, a partir das 18h

Exibição de documentários novos sobre a Ulmeiro (a 13 de Julho) e Agostinho da Silva (em data a anunciar);

Concerto de Nuno Ferreira com poesia de poetas portugueses (a 29 de Junho);

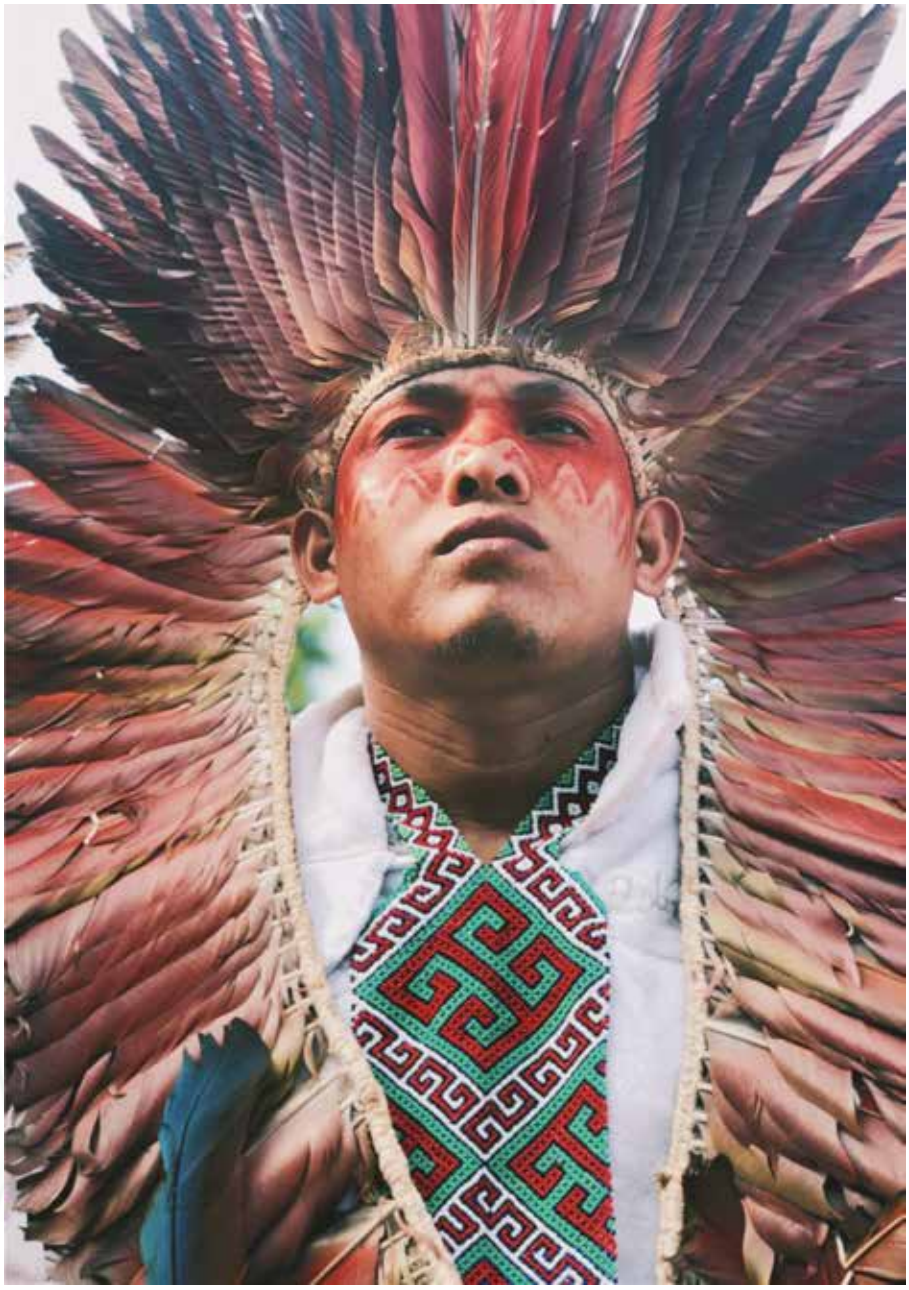
Declamação de poesia de autores portugueses publicados pela Ulmeiro por Jaime Rocha (em Julho).



NATUREZA HUNI KUIN

Por Raquel Lima / Fotos Mariana Martins

«Haux, haux», diziam Txana Tuĩ, Kawá Hunikuin e Txai Shanê, como se repetissem versos de uma reza, durante o seminário cultural Ni Maiwã | Floresta Mundo, realizado nos dias 13 e 14 de Junho, na Fábrica. Os três jovens índios kaxinawá - como são chamados pelos "homens brancos" - foram incumbidos de grande responsabilidade ao deixarem a cidade em que vivem, à beira do Rio Jordão, na Amazónia brasileira, e cruzarem os mais de 8.200 quilómetros que separam o estado do Acre da cidade de Lisboa. Tinham uma missão de sobrevivência: tornar a cultura do povo huni kuin conhecida na Europa.



«A cultura é nossa maior proteção» é a máxima defendida por líderes espirituais, como o pajé Agostinho Manduca Mateus Ïka Muru (1944-2011). Portanto, transmiti-la não só às próximas gerações, mas também aos "homens brancos" é a única hipótese para que este povo chegue ao Novo Tempo, o Xiña Bena, na língua Hãtxa Kuin.

“Queremos manter nossa cultura viva para sempre”





Considerado o dever nobre do trio, a saudação haux, haux, bem como todas as palavras do léxico huni kuin proferidas na Esplanada da Fábrica, ganha contornos maiores do que o próprio significado e transforma-se em sinónimo de luta. No idioma nativo do auto-intitulado povo verdadeiro, haux é o primeiro som emitido pela jibóia branca, ser do qual cosmologicamente se origina a nação. Haux é saudação, é consentimento.

«Sentimos gratidão à Fábrica por receber-nos para compartilhar nossa tradição. A dificuldade da nossa comunidade é mostrar quem somos, índios e resilientes. Queremos manter nossa cultura viva para sempre», revelou Kawá Hunikuin em exclusivo para a Desarmada. «Represento meu povo, e estou muito feliz pela oportunidade de estar na Fábrica e compartilhar nossos saberes», complementou Txai Shanê, que pisa pela primeira vez na Europa. Veterano nesta cruzada cultural, apenas Kawá Hunikuin, que voou sobre o Atlântico rumo a países europeus no passado 2018 e volta agora a Portugal.



A viagem, que tem ares de peregrinação, pelo alto valor simbólico, não recebeu apoio financeiro ou patrocínio, excepto o que vem do dinheiro reunido nas actividades da própria tribo. Portugal foi o último destino de um périplo que durou três meses. A passagem dos três por países como Irlanda, Holanda, Bélgica, Alemanha, Portugal, Espanha, foi, principalmente, composta de seminários sobre propriedades curativas do nixi-pae, sobre a lida com a floresta e com ervas medicinais. A relação do povo kaxinawá com a natureza é tão complexa que, como defende Ernesto Neto, não há palavra para natureza em Hãtxa Kuin «porque natureza é huni kuin, o povo não se separa dela».

Nação de ADN botânico, os huni kuin habitavam a floresta tropical do Este do Peru, dos Andes até a fronteira brasileira, onde vivem no estado do Acre e no Sul do Amazonas. No Brasil, os huni kuin foram expulsos das terras em que viviam, na região do Alto Juruá, Purus e o Vale do Javari, pela demarcação que favoreceu a extração de borracha. Conforme dados da Universidade Federal do Acre, há 4.500 índios kaxinawá no Brasil, a viver, principalmente, na região do Rio Jordão.

"Haux, Haux!"

“Estamos ligados à geometria, à imagem, ao nosso corpo. A geometria também é o nosso corpo.”

Um importante marco nesta “onda de descobrimento” kaxinawá da Europa é a arte. Organizados no Movimento dos Artistas Huni Kuin - Mahku, desenhistas e artesãos chegaram a importantes palcos das artes plásticas do mundo, como a Bienal de Veneza, da qual participaram em 2017, e a países como Espanha, Áustria e Dinamarca. Um dos grandes responsáveis por tal montra foi o artista plástico brasileiro Ernesto Neto, que já esteve sob os holofotes dos principais cenários expositivos mundiais com a própria obra.

À Fábrica, Txana Tuĩ, Kawá Hunikuin e Txai Shanê também trouxeram peças de geometria kene, como pulseiras, colares, anéis, cocares. A kene é considerada uma linguagem revelada por espíritos e, portanto, é aceite como símbolo do olhar protetor da floresta. «Os kene são sagrados e representam a natureza presente em cada ser humano, nos animais, na miração (visão) provocada pela ingestão de nixi-pae (chá enteógeno também conhecido como ayahuasca). Estamos ligados à geometria, à imagem, ao nosso corpo. A geometria também é nosso corpo», explica Txana Tuĩ.





A cerimónia de consumo do nixi-pae é um ritual sagrado do qual nasce mais uma arte huni kuin, os cânticos. Apresentados no palco da Sala Visconti, a cantoria xamânica tem três fases. Conforme Txai Shanê os cantos são para chamar a força (pae txanima), para colorir a miração ou visão (dautibuya) e para diminuir a força (kayatibu).

«A música é medicina, é oração, é ferramenta para contar a história do povo, é para trabalho... ao derrubar uma árvore no roçado, cantamos para que o espírito desta planta mude de lugar e possamos usar o tronco para o que precisamos. Cada música representa um momento», revela Txana Tuĩ, que defende que «a energia da floresta está se expandindo, chegando a Portugal. Que assim seja, huni kuin. Haux, haux





O Ni Maiwã - Floresta Mundo | Seminário Cultural Huni Kuin estará de volta à Fábrica Braço de Prata no dia 24 de julho. Para mais informações clique na imagem ao lado.

A PINTURA DE CARLOS ROCHA PINTO

por Nuno Nabais

Vivemos numa época de superfícies paradoxais. Quanto mais bidimensionais elas são, quanto mais planas se apresentam, mais elas estão carregadas de profundidade. Do telemóvel à pele tatuada, cada nova experiência do mundo a duas dimensões se constrói como promessa de aproximação absoluta à tridimensionalidade. Os écrans são cada vez mais finos, no entanto, as imagens que captamos nessas superfícies quase sem espessura elevam a ilusão da 3D a níveis próximos da realidade táctil.





Ao mesmo tempo, mais do que garantir a ampliação de uma imagem, a técnica do zoom instaura a vertigem do abismo infinito. O zoom é o longínquo dentro do plano achatado. Do mesmo modo, a escala milimétrica dos detalhes de algumas tatuagens, ao contrário de afirmarem o império do corpo como superfície táctil, são convites a um movimento de aproximação do olhar à pele tatuada. E, nesse movimento, o olhar arrasta consigo um corpo inteiro que se orienta, já não para a superfície da pele desenhada, mas para a profundidade do seu interior oculto, para as entranhas e as vísceras que definem o corpo como carne.

Sabemos que esta ilusão do longínquo ou do ínfimo inscrito no plano a duas dimensões tem a sua origem mais remota nas técnicas da perspectiva inventadas pelo desenho e pela pintura renascentistas. Mas também sabemos que a pintura contemporânea – com Pollock, Mondrian ou Newman – começou pela rejeição da convenção da profundidade. O paradigma sensorial da distância, objectivável pelo afastamento da perspectiva, foi substituído pela invenção de uma lógica da ambiguidade, onde a profundidade aparece e desaparece segundo um ritmo, ao mesmo tempo óptico e táctil, de pregnância e de achatamento.

Também para Rocha Pinto a profundidade é o grande problema da pintura. Continuar a pintar telas esticadas entre molduras - apesar das mil e uma experimentações em torno do volume e do relevo nas artes plásticas do século XX - é querer levar um pouco mais longe os paradoxos da superficialidade material. No entanto, o combate de Rocha Pinto já não é contra as convenções da perspectiva ou da distância. Cada uma das suas telas é, pelo contrário, um corpo-a-corpo contra essas técnicas de achatamento da tela praticadas pelos principais movimentos da arte abstracta do sec.XX. Não há lonjura, como não há horizonte, mas também não há o dispositivo de espessura háptica de sobreposição de camadas de matérias, ou de colagens infinitas.



O que está em jogo na obra de Rocha Pinto é a procura obsessiva da pura superfície. Isso passa, em primeiro lugar, por evitar qualquer forma – que convocaria imediatamente um fundo. Passa também por não deixar qualquer marca do gesto do pincel – que denunciaria as camadas do tempo do acto de pintar e, com elas, a profundidade de um passado retido na eternidade da obra.



A superfície em Rocha Pinto existe como lâmina de matéria. É o resultado de um processo de extracção, por corte tangencial, de uma camada finíssima de mundo. Por isso a superfície da tela aparece como jogo de cores sem forma num tempo instantâneo. E as variações infinitas desse jogo, de tela para tela, não obedece a nenhuma lógica da série, que reintroduziria a profundidade do tempo e das suas sedimentações por camadas. São composições de um acaso absolutamente rigoroso, quase maquinal, que garantem que a superfície da tela é mesmo superficial.

FILHO DA TERRA

por Nuno Nabais

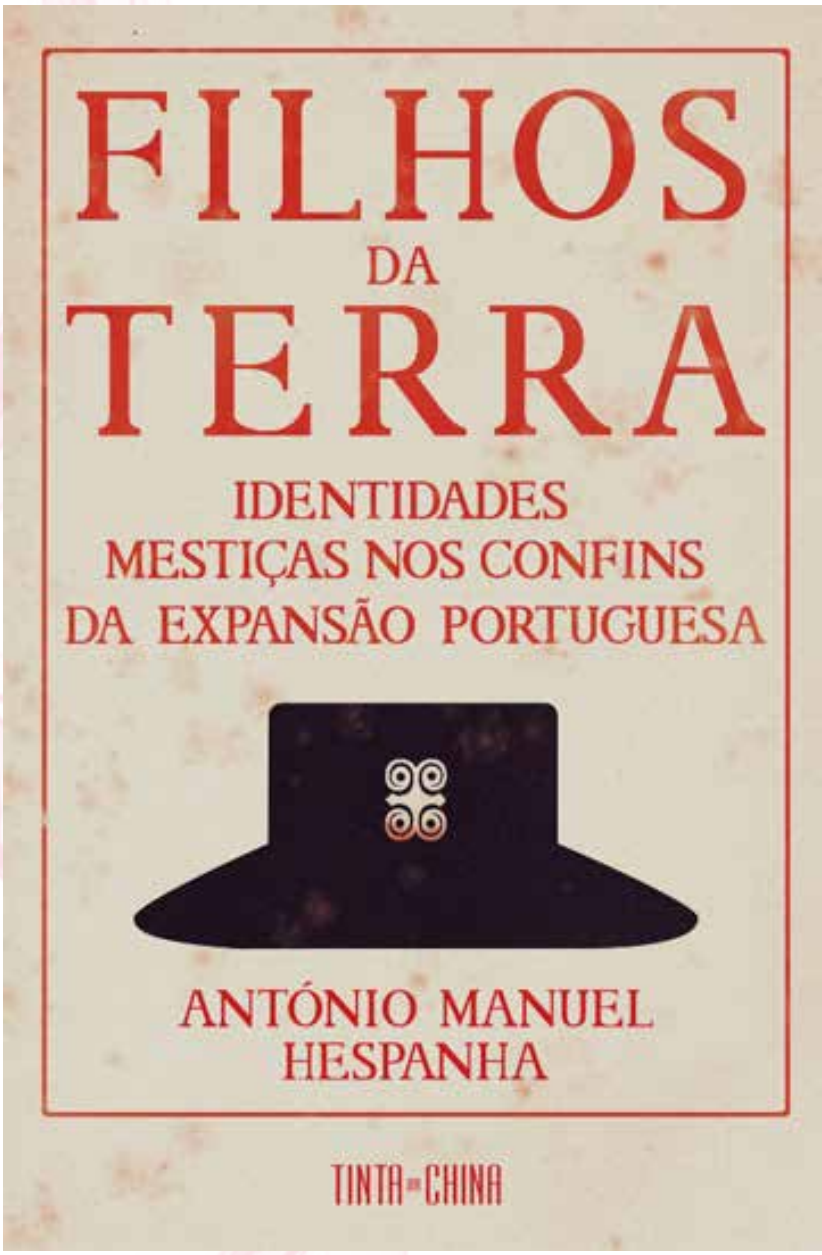
António Manuel Hespanha morreu este mês, no dia 1 de Julho, aos 74 anos. A Assembleia da República aprovou no dia 5, por unanimidade, um voto de pesar, apresentando-o como "figura maior da historiografia portuguesa". E toda a imprensa recordou as suas obras mais conhecidas enquanto historiador do Direito, como "As Vésperas do Leviathan. Instituições e Poder Político. Portugal, séc. XVIII" (1994), "Hércules Confundido. Sentidos Improváveis e Variados do Constitucionalismo Oitocentista. O Caso Português" (2009), "Guiando a mão invisível. Direito, Estado e lei no liberalismo monárquico português" (2004).



Mas a memória que guardamos de A.M.Hespanha corre o risco de ficar deformada por esta unanimidade quanto à sua obra. Sob a exuberância dos seus trabalhos como jurista e como historiador existe um percurso absolutamente original nos domínios da filosofia política, da epistemologia e mesmo da metafísica. Apenas a pequenez das categorias que usamos para delimitar disciplinas impediu que A.M. Hespanha fosse regularmente reconhecido como parte da comunidade dos que se dedicam à filosofia em Portugal. Ou talvez não. Provavelmente, foi o seu universo de referências teóricas que o exilou das escolas filosóficas cultivadas em Portugal nas últimas décadas.

Ninguém na academia portuguesa poderia suportar um historiador do direito que preferia ler "Vigiar e Punir" (1975) de Michel Foucault em vez da "Filosofia do Direito" de Hegel. E sempre que A.M.Hespanha procurava retomar a distinção foucaultiana entre o regime de soberania e o regime da governamentalidade para caracterizar as formas do poder político de Portugal no sec.XVIII, era o silêncio da filosofia académica que se fazia escutar em torno dos seus livros. Tanto os que se consideravam aqui os verdadeiros herdeiros teóricos de Marx, como os que tinham lido Kelsen e Hayek, desconfiavam dos pressupostos de uma historiografia que pensava as relações de poder fora dos modelos de supremacia económica ou fora das figuras da lei e da obediência.

Uma das grandes originalidade de António Manuel Hespanha consistiu em ler as formas do Direito e do Estado em Portugal a partir das práticas quotidianas dirigidas, não ao Povo ou à Nação, mas a populações específicas. Os seus livros dão mais importância aos regulamentos sanitários para combater epidemias, ou aos critérios de selecção de funcionários públicos nas colónias portuguesas em Africa, do que ao desenho das instituições (tribunais, polícia, exército, parlamentos) ou às estatísticas da distribuição da riqueza entre as grandes famílias económicas. Estão em jogo novas figuras da subjectividade política. As relações de poder não são já percepcionadas como simples estratégias de repressão, controle, censura.



O Poder, nos livros de A.M.Hespanha, vem sobretudo de fora ou de baixo, é um poder dos que não têm poder. Em muitos dos fenómenos estudados por A. M. Hespanha entram em cena, como factores determinantes de grandes mudanças sociais, as forças subterrâneas de identidades colectivas extravagantes como o "mestiço" nos limites do Império, ou as lutas improváveis de minorias políticas que assumem o papel de vanguardas muitas vezes a contragosto.

Este método de A. M. Hespanha está bem visível no seu último livro. Tem como título Filhos da Terra. Identidades mestiças nos confins da expansão portuguesa. Foi publicado já este ano pela Editora Tinta da China. Reconstitui as grandes linhas de força da chamada "expansão portuguesa", mas a partir do ponto de vista daqueles "portugueses" que se integraram nas comunidades indígenas locais. O livro utiliza unicamente as fontes da época. São trabalhados principalmente os materiais que compõem o quotidiano do cidadão comum. As perguntas que orientam a pesquisa de A.M.Hespanha são em si mesmas autênticos manifestos de uma epistemologia herdeira de Michel Foucault. As memórias, a correspondência trocada, os ensaios rudimentares de etnografia desses "portugueses-apesar--deles-mesmos" que existiram no Oriente, em África, nas Américas, são também a "verdade" do "império português". São uma nova figura da "vida dos homens infames" que Foucault revelou ao mergulhar nos arquivos franceses das cartas anónimas de denúncia à polícia de cidadãos comuns. Todos esses indivíduos perdidos nos confins da expansão tornam-se na inquietante estranheza de um Portugal que só se deixa pensar pelas mãos de um historiador que fez História a golpes de epistemologia e de metafísica.



OFICINAS DE ENSINO DOMÉSTICO

Inscrições abertas até o final de Agosto

A Fábrica do Braço de Prata retomará este ano, a partir de Setembro, o projecto que designámos como Laboratório de Arte e Pensamento. Será uma extensão do Bracinho de Prata, a versão infantil da Fábrica.
Assim como temos acolhido actividades para crianças todos os sábados à tarde, que incluem espectáculos de teatro, pequenos concertos, oficinas de reciclagem de materiais, sala de baile infantil com DJ, percebemos que está na hora de ampliar o nosso cuidado com os mais novos para além dos sábados.

Criámos já este ano, desde Setembro de 2018, um conjunto de oficinas, de segunda a sexta, das 8h da manhã até às 18h. O regime que praticamos é o de apoio aos pais que decidiram adoptar modelos alternativos de ensino, como o do ensino doméstico. Aquelas famílias que preferem ensinar os seus filhos em casa, seguindo o curriculum obrigatório - tanto do ensino básico como do ensino secundário, terão assim na Fábrica do Braço de Prata, todos os dias da semana, de manhã bem cedo até ao final da tarde, oficinas que lhes garantem um apoio especializado em todos os domínios do ensino e um espaço estimulante para a descoberta.

Desde as aprendizagens da escrita, leitura, matemática, inglês, ciências da natureza, história, até à música, artes plásticas, circo, expressão dramática, dança, cinema e filosofia, o Laboratório procura ser uma alternativa completa à Escola formal. Não temos horários rígidos, nem turmas sobrelotadas. Toda a Fábrica do Braço de Prata é, entre as 8h da manhã e as 6h da tarde, de segunda a sexta, um território de brincadeira e de aprendizagem ao ritmo das próprias crianças. Elas estão sempre acompanhadas pelos monitores e educadora de infância permanentes, e pelos responsáveis pelas várias oficinas, assim como pelos pais que quiseram estar mais próximos dos seus filhos ao longo do dia.



Nesse sentido, as várias salas da Fábrica tornam-se durante o dia o cenário perfeito para os pais se instalarem, com as suas ferramentas de trabalho (computadores, telefones, impressoras) de modo a continuarem a trabalhar sem perderem a proximidade com os seus filhos.

Graças a uma área alargada de estacionamento livre, e ao serviço da Caverna Platão, que abre as suas portas às 8h da manhã para servir sumos naturais, pão quente e refeições saudáveis, passará a ser possível ter o melhor de três mundos:

1) lugar de trabalho gratuito para os pais;

2) Oficinas especializadas para as crianças que permitem um crescimento integral nos domínios das competências cognitivas, artísticas e afectivas;

3) a possibilidade de acompanhamento contínuo dos filhos em regime de ensino doméstico comunitário.

VALOR DAS MENSALIDADES

1. O programa completo, que poderá ir das 8h da manhã às 18h, terá o valor mensal de 250 euros.

2. Neste valor estão incluídas todas as oficinas, assim como 3 refeições diárias.

3. São possíveis programas de menor extensão, quer no plano dos conteúdos, quer no plano da mancha horária. Por exemplo, a frequência de apenas uma oficina - com duas sessões (de uma hora) por semana - terá um valor mensal de 60 euros. A participação em todas as actividades, mas em apenas uma parte do dia (todas as manhãs, ou todas as tardes), corresponderá ao valor de 150 euros.

4. Não haverá qualquer valor para a inscrição.

5. Cada irmão terá um desconto sucessivo de 50 euros (ex: 2º filho 200€, 3º filho 150€, sucessivamente até um valor mínimo de 50€)

6. Na inscrição terá de ser pago apenas o seguro escolar no valor de 15 euros.



MUITO GOSTO, RAONI

Por Raquel Lima

Fotos Felipe Raizer/FBP e Aline Galvão/Cortesia

Raoni. «Carrego esse nome comigo e todo o peso que vem com ele». O artista plástico brasileiro de apelido Assis tem patente, desde Junho, na Fábrica Braço de Prata, a primeira exposição na Europa. O homónimo que confere peso à alcunha é Metuktire, cacique brasileiro da etnia caiapó e que alçou fama mundial ao defender a preservação da Amazónia e dos indígenas.

«Nasci ilustrador em 8 de Dezembro 1986. Dia de Nossa Senhora da Conceição. Padroeira por afeto de Recife. Desde então, risco coisas», relembra. A humildade de Raoni acaba por simplificar, de maneira um tanto injusta, a apresentação que se faz agora. Os quilogramas que o muralista, pintor e tatuador diz sentir recair sobre si mesmo por dividir o nome com brasileiro tão célebre são, nada menos, que atestados de um engajamento social que lhe confere renome próprio em pelo menos dois importantes estados do Brasil: Pernambuco, onde nasceu, e Bahia.







Tudo o que cria - seja em superfícies como madeira, tecido ou muros - carrega militância. «Tenho uma crença na transformação da realidade através da cultura», conta. Assis acredita que precisa colaborar, contestar, conhecer, trocar. A maior pintura de "Marginal.", a dita primeira exposição Européia, retrata um casal de indígenas, sobre uma jangada, a carregar improváveis equipamentos electrónicos. Destaque também é uma ilustração que Raoni foi convidado a criar para celebrar mais um ano da Declaração Universal dos Direitos Humanos, das Nações Unidas.

É um inquieto por natureza. Aos 22 anos, fundou A Casa do Cachorro Preto ao arrendar um casarão em ruínas e transformá-lo num centro cultural que manteve por quase dez anos. O Cachorro Preto é hoje a Casa Balea, na qual mantém diversas actividades, em sociedade. À Desarmada, Raoni revela inspirações, fala de arte, toma posições políticas. Leia a entrevista.






nada

Começaste a desenhar cedo, aos 12 anos. E também a ganhar dinheiro com o que criava. Como foi este início?

Penso que comecei antes... Não lembro de não desenhar. Já sobre ganhar dinheiro, acho que ainda não comecei (risos). A gente acaba tendo que fazer um pouco de tudo para segurar as pontas. O mercado da arte ainda é muito fechado e instável, mas gosto de tentar coisas diferentes também. Aprendi muito a experimentar outras possibilidades de trabalhos e de posições.



O Raoni tem uma produtora, A Casa do Cachorro Preto, que já foi uma galeria, tem um espaço cultural, o Balea, parcerias com tatuadores e artistas de outros estados... É por estas possibilidades que falou?

É importante gostar e aproveitar o que está fazendo. Às vezes, é importante se jogar e noutras dar uns passos para trás. Entretanto, penso que me divirto com meu trabalho, com os parceiros e com as pessoas com as quais convivo. É preciso meter os pés no chão e entender a realidade e o tempo dessas expectativas.



Crias em diversos suportes, da madeira, a muros, a passar por peles, como tatuador; usa de aguarelas a canetas, lápis a carvão, sprays a tintas. Qual deles lhe dá mais prazer?

Eu acho que a idéia é o prazer maior. De uma forma geral, o processo sabe muito bem também. O momento da idéia, entretanto, é um ápice. Até a execução e o desenvolvimento, fico numa linha de experimentação sempre. Na maioria das vezes, não sei como encaixar as referências que estou a colectar. Encontro os sítios de cada uma, enquanto estou a desenvolver e aprimorar aquilo que imaginei.

Quando percebestes que poderia viver de arte urbana em um estado do Brasil com tantas dificuldades económicas? Como nasceu o profissional?



Eu queria ser biólogo. Já tinha tudo planeado aos 6 anos. (risos) Mas não acho que a gente escolhe... não acho hajam tantas opções. Vamos sendo empurrados, de alguma forma. Fiz muita coisa que não gosto hoje. Fiz muita coisa sem saber o que estava fazendo...

A arte de rua tem um carácter de activismo. Arte e política devem misturar-se?

Tudo é política. Tudo é arte também. Não acredito que seja possível dividi-las. Partes boas e partes ruins, mas dentro de uma mesma panela. Pelo menos para mim, os diálogos mais subjectivos são mais completos. Não precisamos fechar os pontos todos. Deixar em aberto permite outras possibilidades.



Quem são os ídolos do Raoni?

Acho que tenho muitos. A começar da minha casa. Convivi sempre com pessoas cheias de história e de referências... família, amigos e as que conhecei ao acaso também. Sempre tem uns ícones que vêm à cabeça: Toulouse [Henri de Toulouse-Lautrec], Shiko, Frida [Kahlo], mas tem umas coisas que aprendemos a meio do caminho também. É sempre tem alguém novo a conhecer. Penso que é importante ir a admirar o trajecto mesmo.



BIOGRAFIA AUTORIZADA VICTOR ZAMORA

Por Nuno Nabais

O sucesso do eBay dependeu muito da multiplicação, à escala global, do prazer de entrar numa loja de antiguidades com um objecto acabado de comprar numa qualquer feira e descobrir que ele vale 200 vezes mais do que pagámos por ele. Aquilo que parecia um simples brinco de lata ou um obscuro exemplar de uma velha porcelana, revela-se, de um instante para o outro, uma preciosidade sem preço. Basta colocar uma foto do objecto e uma pequena descrição no portal do eBay para ter revelações deste calibre. Sabemos que a maior parte das pessoas que frequentam aquele portal na internet não quer comprar ou vender. Elas não querem mais do que experimentar a emoção da extravagância dos preços de coisas que elas consideravam banais.



É esta experiência do espanto absoluto que se vive na Fábrica do Braço de Prata todas as noites em que toca Victor Zamora. As pessoas que se sentam na sala Nietzsche para o escutarem sabem vagamente que algo de muito especial vai acontecer. Mas, ao fim de alguns minutos, dão por si completamente esmagadas diante de um músico que excede infinitamente tudo o que esperavam. Do mais simples adágio de jazz ao mais frenético contraponto de salsa, as mãos de Victor Zamora mudam para sempre as nossas ideias de virtuosismo.



Não é só a velocidade do dedilhado ou a repetição em abismo de um motivo musical que se vai repetindo em espiral centrípeta. É também a alegria, e mesmo o humor, de cada variação. Como se Victor Zamora não fizesse mais do que se comentar a si próprio no modo como corrige, em versão mais complexa, o que acabou de tocar. E, de tema para tema, a presença de Victor Zamora vai crescendo até à dimensão de um monstro, de alguém que escapa a todas as representações do que possa ser um músico.

Claro que esse efeito de ofuscação começa pelo contraste entre, por um lado, a simplicidade e a humildade com que Victor Zamora se apresenta em palco e, por outro lado, a maravilha do que ele faz com o piano. Mas tem sobretudo que ver com uma linguagem absolutamente nova que ele traz para o piano. Todas as linhas melódicas de Victor Zamora são em si mesmas polifónicas. Por isso ele captura cada um dos instrumentos que o acompanham, cada uma das vozes que ele acolhe, até os transformar numa matéria sonora que vibra com a força de um pulsar único. É que o piano de Victor Zamora absorve todos os sons, do contrabaixo à bateria, passando por todo o tipo de sopros e todo o tipo de vozes, como se não fossem senão outras vibrações de um mesmo teclado. E, mesmo quando não está a trabalhar no registo de solo para piano, quando a sua preocupação é manter apenas uma atmosfera envolvente para as linhas melódicas dos improvisos dos outros instrumentos, os seus acordes quase em surdina, as suas pequenas intervenções oferecem molduras perfeitas para o mundo próprio de cada um dos músicos que ele acompanha.

Victor Zamora é, além desse monstro de virtuosismo, o músico mais completo que alguma vez habitou a Fábrica do Braço de Prata. Há vários anos que ele assegura todas as quintas-feiras a Jam Session de Jazz (sendo habitualmente acompanhado no contrabaixo pelo Carlos Barretto e pelo José Salgueiro na bateria) e é ele que, semana a semana, convida os principais "espontâneos" como o Ricardo Toscano, o Ricardo Pinto ou o Diogo Duque. Em paralelo, ele é o grande motor dos Havana Way, a grande banda de música cubana, da qual também fazem parte o baixo eléctrico de Leo Espinoza, o teclado de Michele Ribeiro, a bateria de Hector Marques, as percussões de Osvaldo Pegudo e a voz de Raúl Reyes. É esta banda que torna única a nossa noite Cubana (este ano a realizar-se no dia 20 de Julho). Também foi ele que inventou o projecto Cubaflamen, com Diego El Gavi na voz, Carlos Mil Homens na percussão, e ainda com Leo Espinoza no baixo. Com André Sousa Machado na bateria, Nelson Cascais no contrabaixo e Salvador Sobral na voz, Victor Zamora criou o Alma Nuestra, um programa de boleros dos anos 30 e 40.

Quem já escutou o seu piano nesta variedade imensa de estilos e de tradições, e quem percebeu que em cada um desses registos musicais ele é um caso absolutamente único de subtileza e de rigor, não pode deixar de perguntar: de onde veio este extra-terrestre? Toda a gente responde: de Cuba. E, no entanto, todos pressentem que essa explicação é insuficiente.

A revista Desarmada decidiu então pedir a Victor Zamora para fazer a sua Biografia Autorizada. Gravámos uma conversa de 30 minutos. Todas as nossas perguntas procuravam perceber o que tinha acontecido de extraordinário na vida deste músico, que mestre excepcional o teria
acompanhado, em que técnicas secretas ele teria penetrado. Mas, humilde como ele é, só sabia dizer que a vida dele tinha sido igual à de tantos músicos formados nas grandes
escolas de arte de Cuba. Segundo Victor Zamora talvez a única grande diferença do seu percurso de pianista em Cuba resida no facto de, quando ele foi admitido numa das escolas de música do seu país, ter sido obrigado a estudar guitarra por já não existirem vagas para o estudo de piano. Durante vários anos cumpriu
escrupulosamente o programa de guitarra, tocando secretamente piano de forma autodidacta.

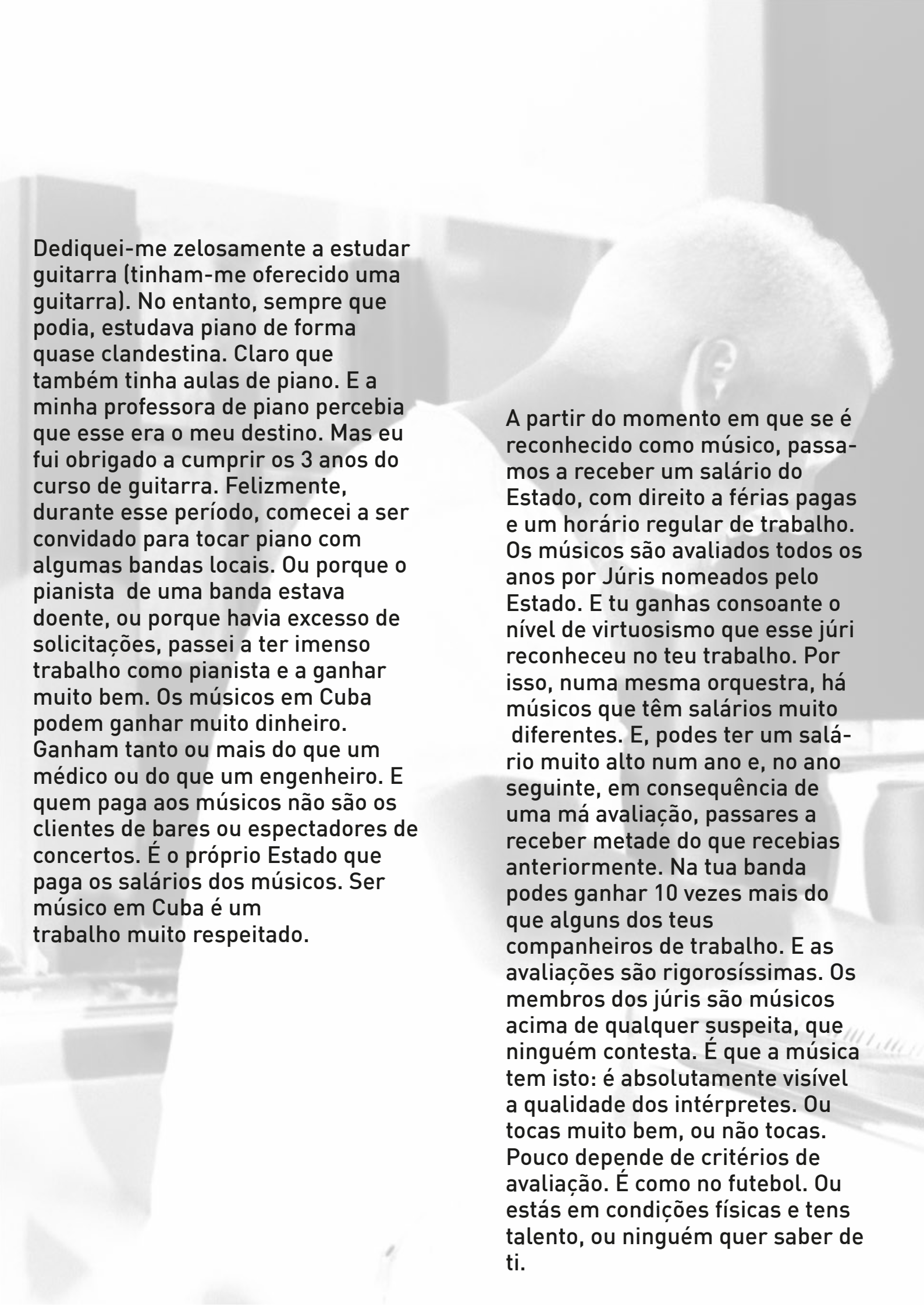
Vamos então à conversa com Victor Zamora.



Nasci em Mata, em 14 de Novembro de 1973, numa cidade muito pequena, no centro de Cuba, que fica a 42 km de Santa Clara, onde Che Guevara iniciou a revolução.
Comecei a estudar música muito tarde, talvez tarde demais. Recordo-me que a minha primeira experiência musical era muito rudimentar. Eu ia para o pátio da minha casa com a minha irmã e brincávamos cantando ao mesmo tempo que fazíamos ritmos com latas. Percebi muito cedo que a minha irmã falhava sempre as cadências. Assim, as minhas memórias mais antigas da música eram as minhas discussões sobre ritmos com a minha irmã no pátio da nossa casa.

Os meus pais, que assistiam a essas discussões, não se deram conta de que eu tinha um especial dom para os tempos e para as cadências das músicas que cantávamos. Por isso não se interessaram em me inscrever em nenhuma das muitas escolas de música existentes na região. Então, quando tinha 15 anos, decidi apresentar-me sozinho numa Casa de Cultura que havia perto de minha casa e pedir para aprender música. Eu queria formar uma banda de música tradicional e propuseram-me aprender a tocar uma guitarra tipicamente cubana, que se chama "Três" porque é formada de 3 conjuntos de 2 cordas. Antes de existirem os pianos nas bandas tradicionais cubanas, era esta guitarra que funcionava como instrumento base. Rapidamente aprendi a tocar os acordes principais da Três. E comecei a tocar numa banda tradicional, que se chamava "Los standards". E, quando, nesse mesmo ano, chegou finalmente um piano à Casa de Cultura de Mata, percebi que seria simples transpor os acordes de guitarra para o teclado. Foi assim que comecei logo a tocar piano. Compreendi então que a minha vida passava pela música. Decidi por isso ir para Santa Clara e fazer o exame de candidatura à escola de música, à Escola Provincial de Instrutores de Artes. É preciso dizer que, antes dessa escola, as crianças que queriam seguir uma carreira artística entravam aos 6 anos para as Escolas Vocacionais de Arte. .

Em regime de internato, integralmente gratuito, pode estudar-se aí até aos 15 anos. Ora, já era demasiado tarde para me inscrever nessa escola. Eu já tinha precisamente 15 anos. Tive então que me preparar para Escola Provincial de Instrutores de Artes, que era o passo seguinte na formação musical. Aqueles que, aos 15 anos, não conseguiam entrar para a Escola Nacional de Artes em La Havana, concorriam às Escolas Provinciais. Foi o que eu fiz. No entanto, eu sabia que o exame iria ser muito difícil para mim, uma vez que eu iria concorrer com os candidatos que vinham das Escolas Vocacionais e que tinham uma formação musical muito mais avançada. Nessas Escolas Provinciais de Instrutores de Arte, frequentávamos um curso de 3 anos orientado, não tanto para formar músicos, mas para formar professores de música que iriam trabalhar nas centenas de Casas de Cultura espalhadas pelo país. Consegui passar no exame de admissão à Escola Provincial de Santa Clara. Mas encontrei um novo problema. Já não havia vagas para estudar piano. A única possibilidade seria estudar guitarra clássica. E eu, claro, aceitei. Comecei uma nova vida. Entrava todas as semana na escola no domingo à noite, e regressava a casa no final de sexta-feira. A escola ficava a 42 Km de minha casa. Como os meus pais não tinham dinheiro, fazia sempre as viagens apanhando boleias ocasionais. Demorava 5 a 6 horas na viagem. Em Cuba 42 Km correspondem a 200 Km em Portugal. De sublinhar que aquela escola não se resumia a cursos de música e à formação formal em literatura, ciências exactas e naturais. Tínhamos aulas de dança, de teatro, de poesia.



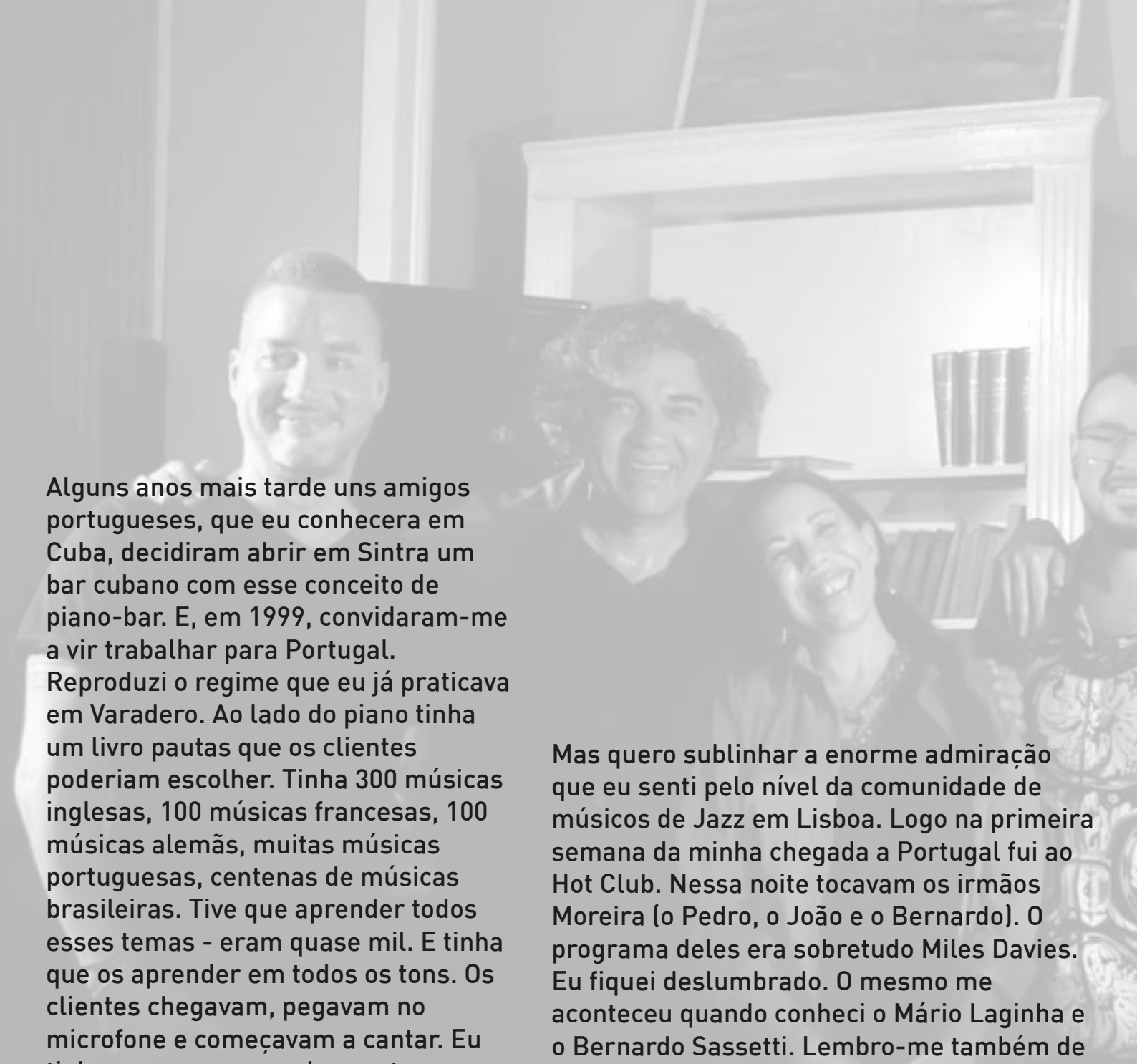
Dediquei-me zelosamente a estudar guitarra (tinham-me oferecido uma guitarra). No entanto, sempre que podia, estudava piano de forma quase clandestina. Claro que também tinha aulas de piano. E a minha professora de piano percebia que esse era o meu destino. Mas eu fui obrigado a cumprir os 3 anos do curso de guitarra. Felizmente, durante esse período, comecei a ser convidado para tocar piano com algumas bandas locais. Ou porque o pianista de uma banda estava doente, ou porque havia excesso de solicitações, passei a ter imenso trabalho como pianista e a ganhar muito bem. Os músicos em Cuba podem ganhar muito dinheiro. Ganham tanto ou mais do que um médico ou do que um engenheiro. E quem paga aos músicos não são os clientes de bares ou espectadores de concertos. É o próprio Estado que paga os salários dos músicos. Ser músico em Cuba é um trabalho muito respeitado.

A partir do momento em que se é reconhecido como músico, passamos a receber um salário do Estado, com direito a férias pagas e um horário regular de trabalho. Os músicos são avaliados todos os anos por Júris nomeados pelo Estado. E tu ganhas consoante o nível de virtuosismo que esse júri reconheceu no teu trabalho. Por isso, numa mesma orquestra, há músicos que têm salários muito diferentes. E, podes ter um salário muito alto num ano e, no ano seguinte, em consequência de uma má avaliação, passares a receber metade do que recebias anteriormente. Na tua banda podes ganhar 10 vezes mais do que alguns dos teus companheiros de trabalho. E as avaliações são rigorosíssimas. Os membros dos júris são músicos acima de qualquer suspeita, que ninguém contesta. É que a música tem isto: é absolutamente visível a qualidade dos intérpretes. Ou tocas muito bem, ou não tocas. Pouco depende de critérios de avaliação. É como no futebol. Ou estás em condições físicas e tens talento, ou ninguém quer saber de ti.

Ou estás em condições físicas e tens talento, ou ninguém quer saber de ti.
No meu caso, logo na primeira avaliação, eu tinha recebido o direito a um bom salário. Mas, no segundo ano da escola recebi um convite de um guitarrista de Jazz que precisava de um pianista para formar uma banda. Fui à audição e ele contratou-me. Na altura eu tinha 17 anos e ainda faltava um ano para concluir o meu curso. Fiquei confrontado com um problema. Se largasse a escola, onde estudava sobretudo guitarra, teria que ir cumprir o serviço militar. E isso representaria uma enorme perda de tempo, um enorme atraso no meu trabalho como músico. Mesmo assim, decidi arriscar. Despedi-me da escola e fui trabalhar com esse guitarrista de Jazz. Fui para Varadero, tocar em bares de turistas. E então esse guitarrista, que era muito respeitado em Cuba, escreveu à empresa de música do Estado para a qual eu trabalhava a pedir que eu fosse dispensado do serviço militar, invocando o elevado contributo que eu prestava à música cubana. E o pedido foi aceite. Nos serviços centrais do governo cubano o meu trabalho como músico aos 17 anos foi considerado mais relevante do que a minha formação como futuro combatente.
A partir daí nunca mais parei de tocar piano. Trabalhei com esse guitarrista mais uns 3 anos, e depois trabalhei com muitas outras bandas. Até que consegui ser contratado para tocar a solo no piano-bar de um hotel em Varadero. Foi então que eu pude desenvolver verdadeiramente o meu conhecimento de todas as dimensões de um piano acústico. Nesse Hotel, para além do meu salário como músico do Estado, recebia 39 dólares por mês de salário extra do próprio Hotel. Para os padrões de Cuba passei a ser milionário. Com esse dinheiro ajudava sobretudo os meus pais, que ganhavam muito menos do que eu.







Alguns anos mais tarde uns amigos portugueses, que eu conhecera em Cuba, decidiram abrir em Sintra um bar cubano com esse conceito de piano-bar. E, em 1999, convidaram-me a vir trabalhar para Portugal. Reproduzi o regime que eu já praticava em Varadero. Ao lado do piano tinha um livro pautas que os clientes poderiam escolher. Tinha 300 músicas inglesas, 100 músicas francesas, 100 músicas alemãs, muitas músicas portuguesas, centenas de músicas brasileiras. Tive que aprender todos esses temas - eram quase mil. E tinha que os aprender em todos os tons. Os clientes chegavam, pegavam no microfone e começavam a cantar. Eu tinha que os acompanhar no tom em que eles cantavam. Foi a minha grande formação como pianista de bar. Passados 6 meses recebi um convite para tocar no Hotel de Penha Longa. Aí passei a ganhar muito mais do que ganhava no piano-bar de Sintra (do qual era sócio). E foi nesse contexto que recebi convites para acompanhar ao piano muitos artistas já consagrados em Portugal, como Paulo de Carvalho, Dulce Pontes, Vitorino, Mafalda Veiga. Conheci também a Maria Anadon, com que passei a trabalhar regularmente no registo do Jazz.

Mas quero sublinhar a enorme admiração que eu senti pelo nível da comunidade de músicos de Jazz em Lisboa. Logo na primeira semana da minha chegada a Portugal fui ao Hot Club. Nessa noite tocavam os irmãos Moreira (o Pedro, o João e o Bernardo). O programa deles era sobretudo Miles Davies. Eu fiquei deslumbrado. O mesmo me aconteceu quando conheci o Mário Laginha e o Bernardo Sassetti. Lembro-me também de ter ido a um concerto no Casino do Estoril com a Maria João, o Mário Laginha, o Yuri Daniel e o José Salgueiro. Passei-me da cabeça. Culturalmente, Portugal é um país muito inspirador. Tem muitos estilos musicais. Na mesma semana podes tocar mornas, flamenco, bossa-nova, standards da costa leste americana, e tudo te parece natural. Aprendi a acompanhar músicas de Angola, de Moçambique, e todos os estilos de Jazz. Em Portugal sinto que estou sempre num desafio comigo mesmo, sempre no combate por novas sonoridades.

Este ano de 2019 vou dar um passo muito arriscado. Aceitei o convite para passar a dar aulas de Latin Jazz na Escola de Música da Fábrica do Braço de Prata. Há muito tempo que, com alguma frequência, no final dos meus concertos, era abordado por jovens pianistas que pediam para ter aulas comigo. Mas eu sempre preferi dedicar o meu tempo a aperfeiçoar-me e a construir o meu próprio universo de composição. Há algum tempo que preparo um disco com composições minhas. Editei-o finalmente em 2011, apenas no Spotify. Mas sinto que ainda faltam ali duas composições que não consegui dar por perfeitas. Espero editar este disco em forma de CD ainda este ano.
Por outro lado, também me fui apercebendo de uma enorme ignorância na comunidade musical portuguesa relativamente às raízes africanas e latinas do Jazz contemporâneo. Por isso, quando recebi o convite da Escola de Música da Fábrica, decidi que tinha chegado o momento de, através das minhas aulas, poder contribuir para o alargamento dos horizontes, tanto teóricos como práticos, dos jovens pianistas de Jazz de Portugal. Vou então abrir um curso de música afro-cubana, com todas as suas dimensões, com a parte harmónica, a parte rítmica, a parte melódica. Sinto que tenho o dever de passar essa informação às novas gerações. Não nos podemos esquecer que a música afro-cubana, ou também designada como Latin Jazz, surgiu na mesma altura em que apareceram as primeiras bandas de Jazz em New Orleans. Alguns grandes nomes do Jazz norte americano, como Dizzy Gillespie, gravaram temas do Latin Jazz. Ora, é inaceitável que em Portugal os músicos conheçam os ritmos da bossa-nova, das mornas, mas ignorem por completo a tradição afro-cubana.

No curso que queremos criar na Escola de Música da Fábrica contarei também com a participação do Leo Espinoza (contrabaixista), tanto para o ensino da história da tradição afro-cubana, como para as aulas práticas. Eu ficarei mais com a parte harmónica e, claro, com o trabalho prático com o piano.
E pronto. É este talvez o segredo da linguagem que fui inventando com o piano: começar a tocar tarde, mas estudar todos os dias até tarde. É também a nostalgia de Cuba, que desce sempre sobre os meus dedos no momento em que os pouso sobre o teclado. Nostalgia da lentidão das viagens de 5 e 6 horas a caminho da escola, nostalgia da guitarra Três com que comecei a fazer os primeiros acordes, nostalgia da guitarra clássica que me obrigaram a estudar. Mas, sobretudo, nostalgia do respeito que aquele país dedica aos seus músicos e que eu procuro honrar aqui em Portugal sempre que me sento ao piano.

EM EXPOSIÇÃO

Collapse

Collapse é o título da exposição do artista português Tiago Xavier. Nesta exposição é criado um olhar paralelo à curta-metragem homónima do autor, com fotografias realizadas durante a produção do filme, que contam com a bailarina Joana Silva como figura protagonista. O resultado é um conjunto de obras que invocam, ao mesmo tempo, fragilidade e resiliência humana, contrastando com uma realidade em desmoronamento.
Confrontados com este conjunto fotográfico somos transportados para uma ideia de futuro asséptico. O uso de caixa de luz numa das peças realça a ligação entre a exposição e Collapse, o filme, dando destaque, e um novo sentido de profundidade, à própria fotografia em si. São peças com grande dinamismo, um bom sentido compositivo e de movimento, que fazem uso de uma paleta de cores com pouca variedade tonal, realçando uma vez mais a ideia de ambiente estéril.



Exatamente

Nathalie Le Hyaric, artista de origem francesa, apresenta-nos uma exposição intitulada EXATAMENTE, onde a miséria e o sofrimento humano parecem ser algumas das temáticas exploradas. Pinturas de carácter expressivo, com forte textura, e faz uso de tonalidades escuras e naturais. A instalação colocada no centro da sala faz uso de luz negra e tinta sensível à mesma, onde o espectador se encontra num ambiente de trevas a ser observado por figuras luminosas. Exposição que invoca conceitos como saúde psicológica, transformação e transfiguração. Como espectadores sentimos um sentido de assombramento, principalmente quando dentro da peça instalativa. Um conjunto de obras muito fortes e provocatórias.



Rostos do Mundo

Vera Pereira cria retratos de carácter realista e apresenta-os numa exposição intitulada Rostos do Mundo, onde a técnica e a vontade de captar a essência do modelo são os aspectos a destacar. Foca-se no olhar, como tentativa de deixar transparecer a história do retratado, o que cria uma dinâmica interessante no ambiente expositivo, como se o espectador fosse agora o contemplado. O conjunto que apresenta nesta exposição faz tanto o uso de paletas de cor como do preto e branco, e existe uma escolha eclética de personagens representados, mas pelo o uso de formatos idênticos devolve um sentido harmonioso ao espaço expositivo.



A Discreet Combination of the Vicious and the Beautiful

Não existe apenas uma leveza e delicadeza na prática e carácter pictórico das obras, mas na própria forma como a artista escolheu apresentá-las. Em suspensão, as pinturas da artista Inês Ferreira, invocam uma ideia de fragilidade. "A Discreet Combination of the Vicious and the Beautiful" conta com obras realizadas com tinta acrílica muito diluída sobre papel, onde a natureza parece ser uma das temáticas propostas. Entre manchas delicadas, de pouca diferença tonal, surgem umas com mais força, interrompendo assim o silêncio. A cor é utilizada com semelhanças em valores e intensidades, com tons possíveis de encontrar na natureza, criando um conjunto harmonioso de pinturas. As manchas orgânicas, com limites delineados pela natureza da própria tinta, que contrastam com os fundos mais planos disturbam o olhar, dinamizando as peças



STENCIL CONCRETO

A artista plástica Natasha Silva, mais conhecida como NTS Art, é paulistana, nascida em 1993, formada em design de interio-res e fascinada pelas artes de rua. Começou a pintar com a técnica de stencil aos 16 anos sempre com muita autenticidade.

A artista cada vez mais vem aprimorando seu trabalho e gosta de ser totalmente fiel a si mesmo na sua produção. Suas criações são produzidas em telas de algodão, mas também adora utilizar diversos suportes encontrados em suas andanças pelas ruas, como: papelão, pedaços de madeira e placas de cimento.

Sobre seu processo criativo, NTS gosta de perceber expressões, movimentos e cada detalhe existente nas pessoas, especialmente nos rostos e nas mãos. De acordo com ela própria, suas inspirações e i nfluências partem da admiração pelo C215 e Banksy, pelo estilo facilmente reconhecido, humano, verdadeiro e bonito.



ESTRADA BRANCA

Zeca Afonso faria 90 anos no dia 2 de Agosto













Por Carlos Tê

Vinícius de Moraes e José Afonso nasceram com um intervalo de dezasseis anos. Um, saído da cepa do Zodíaco dominada pela Balança. O outro, vindo da casa do Leão. Talvez Fernando Pessoa tivesse podido traçar-lhes um horóscopo. Ambos assistiram à treva que apagou a civilização a meio do seu século. Foi sobre o renascimento do pós-guerra que ensaiaram a obra que coexistiria sob o tecto comum da língua portuguesa.
Une-os, portanto, a árvore da língua, a madeira das palavras e dos violões. A separá-los, um Brasil gigantesco afirmando-se no mundo, e um Portugal ensimesmado, incapaz de ler o espírito do tempo, agarrando-se à memória mítica que sublima a possibilidade da grandeza feliz enraizada no presente. Pelo meio, (...) o Brasil migrando do sertão nordestino para as cidades do litoral, erguendo Brasília, símbolo da prosperidade dum tempo brasileiro onde o futuro por fim se cumpria, terra espaçosa acrescentando-se com gente de todos os lugares, lugar imenso de chegada; e Portugal, em sangria constante, fugindo do negrume de si mesmo, ponto eterno de partida, Europa fora da Europa. (...) Vinícius encabeçou a década dourada do Rio de Janeiro, foi observador e fauno da luxuriante diversidade brasileira. José Afonso, andarilho das ruínas do império, portador da litania saudosa de Coimbra, foi traficante das cadências de
Angola e de Moçambique.
Nesse cadinho, fundiu a canção de protesto ao serviço dum desejo libertário, o punho lírico convidando a História a mover-se. Mas não só: a sua obra vai além da luta; mira-se no espelho da tradição poética lusa e faz adendas melódicas e rítmicas que influenciarão os vindouros.
Tal como Vinícius canta a leveza do Leblon e de Ipanema fazendo dela um selo do novo Brasil, Zeca canta a portugalidade
cismática, cativa do destino, instando-a a rachar o espelho para acordar da êxtase. Que pontos unem estes dois vultos navegando a mesma jangada do verbo e do tempo em terras opostas? Como se cruzam os seus discursos? Onde se tocam os seus universos? (...) Em 1968, Vinícius afirma que a sua pátria é o mundo e reclama-se herdeiro do legado lírico
português e duma língua falada por 100 milhões de falantes. (...) Hoje, estamos nos 250 milhões, dos quais 200 só no Brasil. Estima-se que em 2050 serão 380 milhões. Tal será a dimensão da copa da nossa árvore comum. Estrada Branca explora uma fresca dessa copa, é uma pequena via
bordejada pela folhagem das palavras, cotejando as cantigas de Zeca e Vinícius através de duas vozes herdeiras do acervo
comum: Mónica Salmaso e José Pedro Gil — Novo tempo.

Estrada Branca Concertos 2019

10 de Julho, Porto
Casa da Música

19 de Julho, Alandroal
Castelo do Alandroal

20 de Julho, Lisboa
Fábrica do Braço de Prata

Fiesta Cubana



20 | JULHO
20H00

FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

concertos | animação | comida tradicional cubana | oras felices de mojito | artesanato

info e reservas: eventosfbp@gmail.com | 968 599 969 - 965 518 068 | bracodeprata.com

AGENDA DE CONCERTOS JULHO

4ª feira 03

21h30	Prado Coelho	Tradballs
22h30	Nietzsche	Katerina L'Dokova
23h30	Visconti	Tyaro - Caboclo Sereia

5ª feira 04

22h00	Nietzsche	Victor Zamora Trio em Jam Session
23h00	Visconti	Malícia Sessions

6ª feira 05

21h30	Foucault	Coro de Câmara da Universidade de Lisboa
22h00	Nietzsche	Stand Up Philosophy por Nuno Nabais
22h30	Nietzsche	Ricardo Pinto - Undespressure
00h00	Visconti	Xafu
00h30	Nietzsche	Lúcio Vieira

Sábado 06

22h00	Nietzsche	Rui Ferraz (bilheteira independente)
22h00	Visconti	The Simon and Garfunkel Experience
23h30	Chaplin	Guida Scarlatty
23h30	Visconti	Kastrup & Grassmass Duo
00h30	Prado Coelho	O Grito! Djone Santos e Chandi Oliveira
00h30	Nietzsche	Jow ferreira trio

4ª feira 10

21h30	Prado Coelho	Tradballs
22h30	Nietzsche	Katerina L'Dokova
23h30	Visconti	Francois Moleka

5ª feira 11

22h00	Nietzsche	Victor Zamora Trio em Jam Session
23h00	Visconti	Malícia Sessions convidam Joana Queiroz

6ª feira 12

22h00	Nietzsche	Stand Up Philosophy por Nuno Nabais
23h00	Visconti	Nanan
22h30	Nietzsche	Michele Ribeiro Trio
00h30	Nietzsche	Vovô Bebé

Sábado 13

22h30	Nietzsche	Nelson Cascais Quarteto
23h30	Chaplin	Guida Scarlatty
00h00	Visconti	Djamen Farias
00h30	Nietzsche	Silvia Nazário Homenagem a João Gilberto

4ª feira 17

21h30	Prado Coelho	Tradballs
22h30	Nietzsche	Bela Ensemble
23h30	Visconti	Alfonsina

5ª feira 18

22h00	Nietzsche	Victor Zamora Trio em Jam Session
23h00	Visconti	Malícia sessions

6ª feira 19

22h00	Nietzsche	Stand Up Philosophy por Nuno Nabais
22h30	Nietzsche	RAN
23h00	Visconti	Ramón Maschio
00h30	Nietzsche	Ricardo Pinto Convida
01h00	Visconti	Loic DJ Set

Sábado 20

FIESTA CUBANA com Havana Way e Estrada Branca

4ª feira 24

21h30	Prado Coelho	Tradballs
22h30	Nietzsche	Baile Flamenco

5ª feira 25

22h00	Nietzsche	Victor Zamora Trio em Jam Session
23h00	Visconti	Malícia sessions

6ª feira 26

22h00	Nietzsche	Stand Up Philosophy por Nuno Nabais
22h30	Foucault	André Viamonte
22h30	Nietzsche	Cubaflamen
00h00	Visconti	Dil Mastana do Rajastão
00h30	Nietzsche	Bossa & Morna

Sábado 27

18h00	Nietzsche	Homenagem a Mário Piçarra
22h30	Nietzsche	Jesper Trio
23h30	Chaplin	Guida Scarlatty
00h00	Visconti	Trio Kiloco
00h30	Nietzsche	Tatiana Cobbett

4ª feira 31

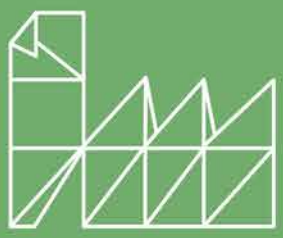
21h30	Prado Coelho	Tradballs
22h30	Nietzsche	Katerina L'Dokova

Pitéu do mês: Chilli com Mandioca





Tola do mês: Mojito FBP



VOU
MAS FICO

I BIENAL DA FÁBRICA

150 CANDIDATURAS

PINTURA
INSTALAÇÃO
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
VÍDEO
DESENHO
ILUSTRAÇÃO
PERFORMANCE

COMISSÃO CIENTÍFICA

RUI SERRA & ANA MATA

OBRIGADO A TODOS!

/bienaldafabrica /bienaldafabrica



FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

DESARMADA

ANO 1, NÚMERO 2. JULHO 2019

IMAGEM DA CAPA: OBRA "WHITE JUNGLE" DE FELIPE RAIZER & BACHITTAR SINGH

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR: NUNO NABAIS

EDITOR & DESIGNER: FELIPE RAIZER

COLABORADORES: ALINE GALVÃO, BARBARA ROCHA, CARLOS TÊ, DANIEL MELO, MARIA MATIAS, MARIANA MARTINS, RAQUEL LIMA, SILVIA REBELO

ARTISTAS EM EXPOSIÇÃO:

FERNANDA CHAVES, INÊS FERREIRA, NATASHA SILVA, NATHALIE LE HYARIC, RAONI ASSIS, TIAGO XAVIER, VERA PEREIRA.